



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

A GEOGRAFIA HISTÓRICA DA COLÔNIA CECÍLIA: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA ANARQUISTA NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA (PR) NOS ANOS 1890 A 1894

THE HISTORICAL GEOGRAPHY OF COLÔNIA CECÍLIA: ANALYSIS OF AN ANARCHIST EXPERIENCE IN THE MUNICIPALITY OF PALMEIRA (BRAZIL) IN THE YEARS 1890 TO 1894

(Recebido em 17-04-2024; Aceito em: 30-12-2024)

Andrey Pulcinelli Colmiran de Lima

Pós-graduando em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)
Cornélio Procópio, Brasil
andreycolmiran@gmail.com

Coaracy Eleutério da Luz

Pós-doutorado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Brasil
Professora Associada da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Cornélio Procópio, Brasil
coaracyluz@uenp.edu.com

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). A Geografia Histórica, considerada um ramo da Geografia, fornece uma base metodológica indispensável para a ciência geográfica, visto que a utilização de suas técnicas abre um leque de possibilidades para o desenvolvimento de diversos temas a serem abordados na pesquisa da Geografia. Amparando-se nessas técnicas, buscou-se compreender a Geografia Histórica da Colônia Cecília, uma experiência anarco-socialista, idealizada pelo italiano Giovanni Rossi, médico veterinário e agrônomo, que propôs aplicar a teoria anarquista em uma comunidade agrária no sul do Brasil, no final do século XIX. Para a realização da pesquisa, utilizou-se a revisão bibliográfica e o trabalho de campo como metodologias, tendo como objetivo principal a compreensão e reconstituição da paisagem da Colônia Cecília, localizada no Município de Palmeira no Estado do Paraná.

Palavras-chave: Geografia Histórica; Anarquismo; Colônia Cecília; Giovanni Rossi; Sul do Brasil.

Abstract

This article analyzes the findings of the Undergraduate Geography Thesis, at the State University of Northern Paraná (UENP). Historical Geography, considered a branch of Geography, provides a valuable methodological basis for geographic science, since the use of it facilitates diverse research themes for the development of various themes to be addressed in Geography research. Using these techniques, we sought to understand the Historical Geography of Colônia Cecília, an anarcho-socialist agrarian community, idealized by the Italian Giovanni Rossi, a veterinarian and agronomist, who proposed applying anarchist theory to an agrarian community in southern Brazil, in end of the 19th century. To achieve this, bibliographical review and fieldwork were used as methodologies, with the main objective being to map

and analyze the historical landscape of Colônia Cecília, located in the Municipality of Palmeira in the State of Paraná.

Key words: *Historical Geography; Anarchism; Colônia Cecília; Giovanni Rossi; Southern Brazil.*

Introdução

Em muitas partes do mundo, e em épocas distintas, encontram-se relatos de pensadores que acreditavam e defendiam a ideia de que as pessoas podem viver sem a presença de autoridades e em liberdade. A ideia de que a humanidade pode viver melhor sem ser governada, já fazia parte do universo mental dos filósofos da Grécia¹ e da China antiga². Durante o Renascimento Cultural e a Reforma Religiosa já apareciam pensamentos que podem ser classificados como anarquistas, como por exemplo, a obra “Utopia”³ de Thomas Morus, que propôs a criação de uma sociedade imaginária. O anarquismo como movimento contestador fez-se presente nos séculos XIX e XX, destacando-se nas lutas revolucionárias da Europa. Porém, na década de 1930, o movimento anarquista perdeu forças durante o Nazifascismo, e em 1968, com a Contracultura de Paris, ressurgiu, ganhando espaço em diversos movimentos sociais pelo mundo todo até os dias atuais (CARRERI, 2008).

O interesse em realizar um artigo que abordasse o tema anarquismo originou-se no início do curso de Licenciatura em Geografia, durante as aulas da disciplina de Epistemologia da Geografia, quando foram apresentados alguns geógrafos libertários⁴, como o francês Élisée Reclus e o russo Peter Alexeyevich Kropotkin⁵. Logo, ao saber que o Estado do Paraná fora palco da primeira, e uma das poucas experiências anarquistas da América Latina⁶, surgiu o interesse em realizar uma análise sobre tal episódio da história do Estado.

Se a Geografia como conhecemos hoje tem como objetivo analisar e compreender as relações entre sociedade e natureza no espaço, deve se destacar que os fenômenos sociais também são temporais. Entende-se, então, que a Geografia Histórica tem um papel fundamental para a ciência geográfica, pois, além de se preocupar em resgatar as espacialidades do passado, que marcam as

¹ Na Grécia Antiga, (342-267 ou 270 a.C.) o filósofo Zenão defendia a ideia de que a razão poderia suprir a autoridade na gestão dos assuntos humanos. A visão de Zenão de comunidade livre sem governo é oposta à utopia pró-estatal da República de Platão (FRONTEIRA LIVRE, 2014).

² Na China Antiga em 600 a.C., Lao Zi pensador taoísta foi o principal responsável pelo desenvolvimento do princípio de “não-comando” no Tao Te Ching, texto do taoísmo filosófico. Muitos taoístas se inspiraram nesses princípios e passaram a viver em um modo de vida muito semelhante àquele chamado de “anarquista” na modernidade (FRONTEIRA LIVRE, 2014).

³ O termo “utopia” é derivado do grego: *u* (não) *topos* (lugar) significando “nenhum lugar” (CARRERI, 2008).

⁴ “No caso dos geógrafos anarquistas, uma das passagens fundamentais pelas quais transitam seus saberes e ideias é a educação popular, à qual o movimento atribui grande importância, exatamente no sentido de tornar iguais os militantes, sem que os intelectuais constituíssem um grupo dirigente” (FERRETTI, 2017, p 4).

⁵ Pêtr Kropotkin (1842-1921) geógrafo e anarquista, conhecido em sua época por seus estudos em geografia, história, biologia e sociologia. No início dos anos 1890, foram publicados na revista “The Nineteenth Century”, os seus primeiros artigos, nos quais o “príncipe anarquista” Kropotkin expôs sua teoria da ajuda mútua. Em uma série de artigos, Kropotkin dá o conceito mais explícito dessa luta cultural, que posteriormente são coletados no volume “A ciência moderna e a anarquia” (1924). O autor teve por objetivo demonstrar que no curso do século XIX, a ciência tinha vencido os dogmas religiosos no âmbito das ciências naturais, e que a anarquia estava destinada a fazer o mesmo nas ciências sociais (FERRETTI, 2017).

⁶ Alguns países da América Latina tiveram destaque na difusão do anarquismo e, cronologicamente, foram eles: México, Uruguai, Argentina e Cuba (SANTO; SILVA, 2018).

espacialidades atuais, também tem por objetivo desenvolver metodologias apropriadas em refletir a categoria tempo, buscando fornecer técnicas na perspectiva espacial e temporal (ERTHAL, 2003).

O objetivo principal deste trabalho é reconstituir a paisagem pretérita da Colônia Cecília, nome de batismo de uma colônia anarquista que resistiu por cinco anos no município de Palmeira, no Estado do Paraná, em uma região conhecida como Campos Gerais. Formada por imigrantes anarquistas italianos no final do século XIX, a Colônia Cecília foi o espaço para o desenvolvimento de uma forma coletiva de irmandade e solidariedade, que foram sucumbidas pela força do preconceito e da repressão republicana. Sendo um exemplo de como o anarquismo poderia ser aplicado na prática. (CARRERI, 2008). Trata-se, portanto, de uma experiência que buscou pôr em prática os princípios anarquistas, tornando-se o aspecto mais conhecido do anarquismo italiano no Brasil, e considerada sua primeira manifestação (FELICI, 1998). Como objetivos secundários, o presente estudo busca compreender o movimento anarquista, com foco no anarquismo italiano de Giovanni Rossi, e analisar como se deu a imigração Italiana no Brasil, principalmente no Estado do Paraná, bem como o contexto histórico da Itália e Brasil naquele período.

A metodologia utilizada nesta pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica, com a seleção de artigos científicos e de livros que abordam a Geografia Histórica, o movimento anarquista e a Colônia Cecília. Assim, elaborou-se fichamentos destas obras, buscando um aprofundamento teórico metodológico e a compreensão da experiência anarquista da Colônia Cecília, desde o contexto de sua criação e concretização, até os motivos que acarretaram o seu fim. Além disso, de modo a complementar e enriquecer o estudo, realizou-se também uma pesquisa de campo a fim de entender a paisagem atual do local onde a Colônia existia, e por fim, desenvolveu-se uma entrevista informal com o escritor do livro Colônia Cecília (2011), o professor Arnaldo Monteiro Bach⁷, considerado a principal referência sobre o tema.

Geografia Histórica: um marco teórico-metodológico

Entende-se que o principal campo de análise da Geografia Histórica é a compreensão das relações entre as pessoas e o ambiente. Assim, conforme Carneiro (2018, p. 26), “o geógrafo histórico deve se preocupar com o estudo das mudanças no espaço e no tempo, além de investigar como e por que algumas das expressões pretéritas persistem no presente”.

⁷Arnaldo Monteiro Bach é radialista, professor, escritor, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira, membro da Academia de Letras dos Campos Gerais, Cidadão Benemérito de Palmeira e proprietário do Espaço Cultural Sítio Minguinho” (BACH, 2011, orelha do livro).

Para o geógrafo anarquista Élisée Reclus⁸, não há separação entre essas duas áreas do conhecimento, partindo de um princípio de mescla entre Geografia e História. Segundo Rech (RECLUS, 2010a, p. 47 apud RECH, 2015, p. 82) Reclus defendia que “a geografia histórica concentra em dramas incomparáveis, em esplêndidas realizações em um mundo complexo e com ações contraditórias” ou ainda que a “Geografia e História possuem a mesma preocupação” (RECH, 2015). Andrade e Fernandes (1985), sobre Reclus, descrevem que:

Para Reclus, o que mais importava era demonstrar a contribuição que a geografia poderia dar à solução dos problemas sociais — nunca falou em geografia humana, senão em geografia social — e explicar a origem desses problemas, podendo por isso ser considerado também um dos fundadores da geografia histórica (ANDRADE; FERNANDES, 1985, p. 22).

De acordo com Rech, Reclus compreendia que os fatos da história se explicam pela disposição de um teatro geográfico, no qual o homem e a natureza fazem parte. No papel de agente modificador da Terra, se encontra o homem, em que ao se apropriar da natureza, é que se expande o território humano sobre o natural (RECH, 2015).

Élisée Reclus foi sem dúvida um dos cientistas mais célebres de sua época, inserindo-se na tradição geográfica de Alexander von Humboldt e de Carl Ritter (do qual foi aluno), inspiradora de seus trabalhos geográficos monumentais, como a *Nouvelle géographie universelle* (1876-1894) e *L'Homme et la terre* (1905-1908), que lidam com a relação diacrônica e dinâmica entre humanidade e natureza, antecipando tendências “geo-históricas”. Além disso, Reclus, exilado da Comuna de Paris e protagonista da fundação do movimento anarquista no seio da Primeira Internacional, foi fortemente influenciado pelo federalismo libertário de Pierre-Joseph Proudhon e de Mikhail Bakunin, que contribuiu também para sua geografia (FERRETTI, 2017, p. 2).

Para compreendermos melhor a Geografia Histórica e suas contribuições para a Geografia, é necessário analisarmos sua trajetória, e sobre tal ótica Carneiro (2016) argumenta que:

História e Geografia, em diversos momentos ao longo das suas trajetórias, chegaram a se debruçar sobre objetos semelhantes. Não poucas vezes, as fronteiras e os limites entre os dois campos fundiram-se e ficaram imperceptíveis (CARNEIRO, 2016, p. 43).

Carneiro (2016) ressalta que é comum observarmos com frequência nos períodos entre o final da Idade Antiga e início da Idade Média, a relação instrumental e prática entre a história e a Geografia, particularmente em seus aspectos corológicos⁹. Sendo que a Geografia e a cronologia¹⁰ eram as estruturas da História (CARNEIRO, 2016).

Nota-se o termo “geografia histórica” em várias obras publicadas durante a segunda metade do século XIX, principalmente para identificar as influências ambientais e geográficas em períodos históricos distintos. Porém o autor afirma que muitos desses livros, nos quais o termo “Geografia histórica”

⁸ Élisée Reclus (1830-1905), militante anarquista e geógrafo, jamais separou a ação política da ação científica. Contrariando o pensamento geográfico de seu tempo, em lugar de colocar-se a serviço do estado, do poder, Reclus assumiu posição crítica e mostrou que os interesses do povo conflitam com os das classes dominantes que controlam o estado. Para ele, o que importava era demonstrar a contribuição que a Geografia poderia dar à solução dos problemas sociais e explicar a origem desses problemas (ANDRADE; FERNANDES, 1985).

⁹ Corologia é a ciência que estuda a distribuição geográfica dos organismos vivos (DICIO, 2023).

¹⁰ Cronologia é a ciência que investiga os intervalos dos períodos, da determinação e do registro das datas históricas (DICIO, 2023).

formulam o título, seriam melhor empregados como “História geográfica”, já que eles não se preocuparam especificamente com o lugar, e sim com a civilização (CARNEIRO, 2016).

Mas quando a Geografia e História se separam? De acordo com o mesmo autor, o rompimento teórico das ciências irmãs ocorre da seguinte maneira:

A união entre história e geografia, baseada na tradição e em considerações práticas, foi rompida, teoricamente, em fins do século XVIII por Kant¹¹, para quem as duas disciplinas formavam um grupo à parte no sistema científico, por estudarem fenômenos únicos no tempo ou no espaço. Muito mais por convenções externas ao conhecimento e ao objeto estudado do que pela ausência de afinidades e similitudes, geografia e história, “ciências irmãs no nascimento”, tornaram-se disciplinas independentes. A primeira, ainda por um tempo, se converteu em auxiliar da segunda (CARNEIRO, 2016, p. 43).

Buscando responder as questões sobre as origens da Geografia Histórica, o autor discorre que:

Na trajetória da evolução da Geografia Histórica, o primeiro relato de comparação entre os dois campos, segundo Hartshorne (1958), foi o de J. M. Franz, em 1747. Mas, de acordo com Darby (1983), o termo só apareceu pela primeira vez em 1846, no atlas do alemão Karl von Spruner, dedicado ao estudo sobre as mudanças nas fronteiras políticas dos Estados europeus, publicado com o título *Historisch - Geographischer Handatlas 3*. Como campo de estudo independente, a Geografia Histórica começou a tomar forma após os trabalhos de Friedrich Ratzel (1844-1904) e Vidal de La Blache (1845-1918), os quais introduziram, respectivamente, um foco analítico antropogeográfico e histórico na análise dos fenômenos (CARNEIRO, 2016, p. 44).

Geografia e História sob a influência do positivismo, desenvolveram metodologias diferentes para o tratamento e análise de informações. A divisão se deu pela seguinte forma: os geógrafos abordam o espaço terrestre, e os historiadores o tempo (CARNEIRO, 2016). Porém, observa-se que o tempo e o espaço são manifestações que se integram, sendo assim, se faz improvável que a Geografia possa realizar a análise espacial ignorando a integração entre o tempo e o espaço. Sobre a ruptura das ciências irmãs, Lourenço (2005) comenta que:

É lamentável que ainda seja comum a crença de que geógrafos e historiadores lidem com objetos diferentes. Esse divórcio entre os dois saberes, motivado mais pelas divisões burocráticas entre departamentos e institutos universitários do que por uma real diferença entre seus objetos, acaba por limitar às questões propostas e diminuir o alcance de reflexões que, de outra forma, seriam muito mais fecundas (LOURENÇO, 2005, p. 27).

Nos processos de evolução da ciência geográfica, alguns conceitos foram privilegiados, como o território, região, paisagem, espaço que foram abordados e categorizados predominantemente em épocas históricas diferentes (ERTHAL, 2003). Segundo Erthal (2003), há um enorme esforço para compreender a periodização das fases evolutivas da Geografia Histórica. Para tal afirmação o autor discorre que a “grosso modo, a evolução da Geografia Histórica acompanhou a própria evolução da Geografia

¹¹ “Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo alemão, fundador da “Filosofia Crítica” - sistema que procurou determinar os limites da razão humana”. Sua obra é considerada a pedra angular da filosofia moderna (E BIOGRAFIA, 2023). Kant também teve significativa contribuição para a Geografia, pois dentre os cursos que ministrou no século XVIII, o segundo que mais ofertou durante 40 anos, era o curso de Geografia Física. Assim, muitas de suas proposições foram consideradas nas primeiras cátedras universitárias de Geografia surgidas na Alemanha e, nas obras dos principais precursores da Geografia, como Alexander von Humboldt (GOMES, 2017).

(Tradicional, Nova e Crítica) e Butlin¹² periodizou-a em três fases e as denominou de clássica, neoclássica e social” (ERTHAL, 2003, p. 31). Sobre a tradição clássica da Geografia Histórica, Erthal faz as seguintes considerações:

Na tradição clássica, a geografia histórica, de base positivista e empírica, ocupou lugar saliente no contexto geográfico de certos países, onde se destacaram temáticas como povoamento e fronteiras numa perspectiva da paisagem e da região, exprimindo-se frequentemente com a linguagem cartográfica (ERTHAL, 2003, p. 31).

Neste período da tradição clássica, o autor destaca que houve um forte repúdio ao determinismo geográfico. Na tradição ocidental, os pontos de referência da geografia histórica foram os Estados Unidos, Inglaterra e França. Nos Estados Unidos, as bases da Geografia Histórica podem ser atribuídas, entre outros, a Richard Hartshorne e Carl Sauer, já na Inglaterra a Henry Clifford Darby. Na França, entre os mais famosos destacam-se Camille Vallaux e Roger Dion (ERTHAL, 2003). Já sobre a fase neoclássica, o mesmo autor discorre que, uma vez implantada a Nova Geografia, abriu-se poucas possibilidades à Geografia Histórica, e segundo ele:

[...] muitos geógrafos históricos conseguiram aproximar-se do imenso arsenal técnico emanado da matemática e da estatística, a exemplo da análise de regressão, e utilizar-se de uma das maiores invenções tecnológicas - o computador. Este permitiu, de certo modo, avaliar as fontes e armazenar milhares de dados brutos e/ou processá-los. Progressos também foram sentidos na análise de sistemas, embora a Teoria Geral dos Sistemas não tenha sido muito utilizada na geografia histórica. Esforços foram empreendidos na tentativa de aplicar uma variada gama de modelos matemáticos às tradicionais teorias como as dos grafos, das localidades centrais, regra ordem x tamanho e locacional, sendo que, em algumas das tentativas, êxitos foram obtidos (ERTHAL, 2003, p. 33).

Sobre a fase social, o autor descreve que a Geografia Nova surge no início dos anos 70, amparada pelo pensamento marxista e postura crítica, teve papel fundamental para o desmonte da Nova Geografia. O autor ainda acrescenta que:

Esta corrente que examina a sociedade através dos materialismos histórico e dialético, tem alcançado êxito ao ser aplicada à geografia. Ela fornece conceitos chaves como o modo de produção (conceito central), relações de produção, mais valia, formação socioeconômica que são ferramentas importantes à compreensão da espacialidade social. O espaço é visto como uma entidade flexível, manipulada e produzida à imagem do sistema produtivo. A aplicação de tais conceitos pela geografia histórica, certamente, auxiliaria a esclarecer a produção do espaço em diversas escalas. Poder-se-ia entender, por exemplo, a evolução do capitalismo através de sucessivas configurações espaciais que foram se forjando em consequência das relações estabelecidas entre a sociedade e a natureza. É fundamental para a afirmação da geografia histórica que ela ultrapassasse as fronteiras do lugar e da região para alcançar escalas mais abrangentes (ERTHAL, 2003, p. 34).

Entende-se que a incorporação do tempo na Geografia teve grande contribuição para a introdução da chamada Geografia Crítica ou Geografia Nova. Segundo Silva (2019, p. 2), “a adoção do

¹² Robin Alan Butlin foi Professor Emérito de Geografia e Pesquisador Visitante na Escola de Geografia. Seu principal interesse de pesquisa é a geografia histórica (UNIVERSITY OF LEEDS, 2023).

materialismo histórico e dialético à explicação geográfica, incluindo ao estudo das formas espaciais, também sua processualidade, sua transformação através do tempo”.

É notório que com a chegada da corrente humanística, houve um maior interesse pela Geografia Histórica, sendo que a corrente humanística foi uma das mais promissoras perspectivas que chegaram à Geografia (ERTHAL, 2003). A Geografia Histórica de acordo com Lima e Amora (2012, p. 68-69) “propõe entender a complexidade do passado ou mesmo as transformações espaciais em um determinado período, podendo trazer questões geográficas sobre o passado”.

Nota-se que nos estudos geográficos, não há como considerar apenas o espaço como campo de análise, já que as transformações do próprio, se desenvolvem através do tempo. Nas palavras de Milton Santos (1994):

O tempo é a base indispensável para o entendimento do espaço. Se as ações sobre um conjunto de objetos se dessem segundo tempos iguais não haveria história; o mundo seria imóvel. Mas o mundo é móvel, em transformação permanente — formando uma totalidade em processo de mudança para surgir amanhã como uma nova totalidade (SANTOS, 1994, p. 84).

Sobre alguns geógrafos historiadores no Brasil, Silva (2019) faz as seguintes considerações:

Vemos que sempre é possível acrescentar novas questões e métodos para a geografia histórica, o que nos aponta para o grande caminho a percorrer seguindo os passos dos precursores da Geografia Histórica brasileira, os professores Maurício de Almeida Abreu, Antonio Carlos Robert Moraes e Pedro de Almeida Vasconcelos (SILVA, 2019, p. 11).

Entre debates teóricos e metodológicos, nota-se que vários métodos são propostos por geógrafos distintos em tempos e países diferentes no campo de pesquisa da Geografia Histórica. Em relação aos métodos, Carneiro (2016) acrescenta que:

Enquanto Hartshorne defendia o método do “corte transversal” (estudo do espaço num dado momento de tempo), Sauer postulava a importância da análise dos “processos de mudança”, aproximando-se do estudo da paisagem cultural de La Blache (CARNEIRO, 2016, p. 50).

Ainda sobre os métodos, vale destacar os recortes temporais. Alves (2011), descreve o corte temporal transversal (*temporal cross section*) como:

Primeiramente, a seleção de uma seção de tempo no passado (cross section – past) é normalmente feita pela disponibilidade de fontes materiais espaciais. É também conhecido como fatiamento do tempo, ou método horizontal, e está ligado à recriação do chamado “presente de então”. Há duas vantagens nesse tipo de recorte: a primeira é que se trata de uma estrutura temporal estática, possibilitando simplicidade, economia e facilidade na organização da pesquisa; em segundo lugar, essa seção permite que as relações espaciais sejam explicadas com relativa precisão (ALVES, 2011, p. 637).

Observa-se que o trabalho do geógrafo historiador, é de reconstruir as paisagens do passado, e esta tarefa seria realizada em 3 etapas: conhecimento do funcionamento da cultura na sua totalidade; conhecimento das evidências contemporâneas à cultura em questão; conhecimento do terreno, isto é, do meio físico que a cultura ocupou (LOURENÇO, 2005). Consonante à pesquisa desenvolvida, foi possível realizar o levantamento de algumas evidências contemporâneas da cultura da extinta colônia e

do meio físico que ela ocupou. O conhecimento do funcionamento da cultura na sua totalidade, exige uma pesquisa mais profunda, que o espaço de tempo para este não permitiu desenvolver.

O trabalho de campo é um método importante para o geógrafo historiador, e de acordo com Lourenço (SAUER, 2002 *apud* LOURENÇO, 2005, p. 39):

Sauer considera o trabalho de campo fundamental ao geógrafo historiador. Dentre seus objetivos, estaria a comparação de uma área descrita no passado com o presente. Seriam avaliadas linhas de comunicação, locais de habitação, no intuito de se ter uma ideia do que aconteceu com a paisagem anterior (SAUER, 2002 *apud* LOURENÇO, 2005, p. 39).

Compreende-se que para uma pesquisa completa e bem elaborada, é de extrema importância a escolha dos métodos que serão aplicados e como estes nortearão a pesquisa e, conseqüentemente, a qualidade dos resultados obtidos. Portanto, com base neste referencial teórico, os métodos utilizados para esta pesquisa foram os recortes temporais que compreendem o período entre 1890 e 1894, especificamente, o corte temporal transversal (*temporal cross section*), aplicado através de uma revisão bibliográfica, com o objetivo de analisar a paisagem em que o objeto de pesquisa estava inserido, a saber, a paisagem da Colônia Cecília. Outro método, segundo o referencial apresentado, foi o trabalho de campo, que possibilitou a coleta de informações extras e a análise de como encontra-se atualmente a paisagem do local, onde a Colônia Cecília existiu. Assim, desenvolveu-se uma pesquisa de campo e entrevista informal com um especialista do tema.

A Geografia Histórica da Colônia Cecília e a contextualização das relações entre Brasil e Itália nos séculos XIX e XX

A Colônia Cecília nasceu em 1890, idealizada pelo italiano Giovanni Rossi, escritor, engenheiro agrônomo e médico veterinário, que juntamente com um grupo de jovens resolveram testar suas ideias anarquistas na prática social. De acordo com Bach (2011, p. 15) “a Colônia Cecília foi a única experiência anarquista realizada no Brasil e a mais conhecida no mundo. Mesmo depois de um século da sua dissolução, os mitos em torno dela sobrevivem”.

Giovanni Rossi, idealizador da Colônia Cecília, apresentou uma ampla abordagem sobre o anarquismo, e explica o sentido da anarquia, através de críticas sobre a comparação do termo. “Anarquia e desordem, hierarquia e ordem são escritos de vossos dicionários de sinônimos. Nós, porém, distinguimos a ordem natural da ordem superficial” (BACH, 2011, p. 25). Rossi ainda acrescenta que:

E o que é anarquia senão a verdadeira liberdade, a liberdade plena, completa, a quinta-essência da liberdade? Conservem, portanto, oh! Burgueses, o seu sacro horror pela anarquia, porque esta significa o fim do seu poder, mas não a façam sinônimo de desordem: e retirem a acusação injustificável de que nós sacrificamos a individualidade humana ao Estado; enquanto a este queremos destruído, àquela queremos completamente livre e associada anarquicamente (BACH, 2011, p. 26).

Em 1873, com apenas 17 anos e, estudante em Pisa, Giovanni Rossi ingressou na Associação Internacional dos Trabalhadores. Com a oportunidade, apresentou um projeto para a criação de uma colônia socialista na Polinésia, porém seu projeto foi arquivado (BACH, 2011). Entende-se que desde muito cedo, Rossi abraçou a causa socialista com entusiasmo. No entanto, de acordo com Bach (2011, p. 34) “para ele não bastava somente apresentar ideias liberais, era preciso mostrar a sua viabilidade através da fundação de colônias experimentais”. Logo, a primeira tentativa de Rossi foi na Itália, na propriedade de Cittadella, em *Estagno Lombardo*. Mas, com o fracasso do experimento, Rossi planejou implementar sua experiência anarquista na América (ROSCOCHE, 2011).

O Anarquismo, segundo Bobbio *et al.* (1998), é um movimento político-social que atribui tanto aos indivíduos quanto à sociedade, o direito de usufruir de toda a liberdade possível, sem nenhuma limitação de normas de espaço e de tempo. Tal liberdade prevê o direito de não ser oprimido por qualquer tipo de autoridade, admitindo só as limitações da natureza, do bom senso e da vontade da comunidade em geral. Para Bach “o anarquismo é revolucionário, mas seu princípio é que a verdadeira revolução não deve levar a formação de outro poder coercitivo, não importa de que natureza se defina” (BACH, 2011, p. 21).

Sobre a gênese do anarquismo, Carreri (2008, p. 12) discorre que o “termo originário de dupla raiz grega: *archon* (governante) junto ao prefixo *an* (não), anarquismo significa ser ou estar sem governo”. Bach (2011, p. 19) acrescenta que: “Etimologicamente, anarquia significa ausência de chefia ou de governo. Porém, do ponto de vista filosófico, a interpretação dessa corrente de pensamento e ação é bem mais complexa”.

Tratando das atuações do movimento anarquista, de acordo com Carreri (2008), suas primeiras formulações partiram de pensadores conhecidos por socialistas utópicos¹³. Segundo o autor, o tipógrafo autodidata francês Pierre Joseph Proudhon, foi o primeiro homem a se definir anarquista e consolidar o anarquismo como teoria da busca pela liberdade e pela supressão dos governos. Bach (2011) acrescenta que Proudhon (1809-1865) fez duras críticas a Karl Marx. “Proudhon, anarquista francês, filho de camponeses, escreveu, em 1840, o livro *O que é a propriedade?* A obra foi elogiada por Marx, mas as simpatias mútuas não duraram muito tempo” (BACH, 2011, p. 19).

Na Europa, entre os séculos XIX e XX, redes de intelectuais socialistas e anarquistas que aplicaram criticamente os instrumentos dessas tendências científicas para finalidades políticas e sociais completamente diversas: por um lado, eles se mantinham no padrão do debate da sua época; por outro lado, sua originalidade foi reverter alguns conceitos da ciência para chegar a conclusões diferentes, construindo saberes não dogmáticos e acessíveis às classes populares, cujo fim, contrariamente a outras interpretações, era mostrar a possibilidade de uma organização social diferente (FERRETTI, 2017, p. 2).

¹³ O pensamento conhecido como socialista utópico, foi formulado por Saint Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Louis Blanc (1811-1882) e Robert Owen (1771-1858). Esse nome vem do fato de seus teóricos imaginarem e exporem os princípios de uma sociedade socialista ideal, em contraste com a real nascente capitalista (CARRERI, 2008).

Conforme Carreri (2008, p. 13) “a concepção moderna de anarquismo, por sua vez, nasce com as revoluções francesa e norte-americana, nas quais milhares morreram por um ideal de liberdade”. Bobbio et al. (1998, p. 23) acrescenta que “a estes motivos se junta o impulso geral para a liberdade. Daí provém o rótulo de libertarismo, atribuído ao movimento, e de libertário, empregado para designar o que adere ao libertarismo”.

Dentre muitos teóricos anarquistas influentes, destacam-se alguns, como William Godwin (1756-1836), Peter Alexeyevich Kropotkin (1842-1912) e Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814-1876) (BACH, 2011). Quanto ao cenário anarquista italiano, o autor argumenta que:

Historicamente, a Itália foi anarquista, com líderes como Errico Malatesta, que nasceu em uma família abastada em Santa Maria Capua Vetere, Sul da Itália, em 14 de dezembro de 1853, e faleceu em Roma no dia 22 de julho de 1932. Foi um teórico e ativista anarquista italiano (BACH, 2011, p. 21).

Em relação à América Latina, Santo e Silva (2018, p. 46), explicam que “os movimentos anarquistas na América Latina, contrariamente à literatura acadêmica tradicional, não foram extensões unidirecionais dos movimentos europeus e nem fenômenos sociopolíticos separados”. Porém é importante ressaltar que a maioria dos estudiosos do assunto, defendem que o anarquismo tenha sido um fenômeno importado da Europa, e há os que argumentam que o anarquismo é uma constituição integralmente nacional ou local.

Considera-se que, no Brasil, o anarquismo emergiu, algumas décadas depois dos países precursores da região, entre os fins do século XIX e início do século XX, como resultado de uma variedade de experiências de luta e resistência dos oprimidos, que vão desde greves e revoltas populares até colônias agrícolas/experimentais e produções artísticas/culturais (SANTOS; SILVA, 2018, p. 46).

Sobre a chegada do anarquismo em terras brasileiras, Bach (2011, p. 23) discorre que: “No Brasil, o anarquismo chegou com a Colônia Cecília, em 1890, em Palmeira, no Paraná”. Carreri (2008) faz as seguintes considerações:

No caso específico do Brasil, o movimento surge com a vinda dos imigrantes europeus - principalmente italianos - no período conhecido pela historiografia como Primeira República, sendo ideologia predominante entre os operários até a década de trinta, aproximadamente (anterior à criação do centralizador e dogmático Partido Comunista e à repressiva Era do ditador Vargas). Os anarquistas foram protagonistas, no país, de históricas greves operárias no início do século XX (CARRERI, 2008, p. 15).

Mas por que italianos anarquistas resolveram imigrar para o Brasil? Para responder tal questionamento, se faz necessário analisar qual era o contexto histórico da Itália nos séculos XIX e XX, período em que o Brasil recebe um grande fluxo imigratório.

É notório que esses fluxos imigratórios deixaram marcas permanentes na cultura brasileira, ou melhor, contribuíram para a estruturação cultural do país. De acordo com Priori *et al.* (2012, p. 35) “inúmeros são os exemplos da influência dos imigrantes no nosso dia a dia. A sua importância para a

cultura do nosso país pode ser percebida no comércio, na educação, na indústria, no campo”. Ademais, ainda conforme os autores (2012, p. 35), “por qualquer lugar que passemos, seja na cidade ou no meio rural, encontraremos traços da imigração”.

Quanto ao Estado do Paraná, Priori *et al.* (2012, p. 35) discorre que “o Estado recebeu, ao decorrer de sua história, imigrantes das mais diferentes etnias, formando uma sociedade com cultura e tradições específicas e diversas”. Entre esses imigrantes de várias etnias, havia os italianos que deixaram seu país basicamente por motivos econômicos e socioculturais. Segundo os mesmos autores (2012), os motivos para deixar o velho continente eram vários:

Na Europa (de onde proveio a maior parte dos imigrantes para o Brasil), situações adversas, como excedente populacional, guerras e as crises econômicas que geravam desigualdade social, desemprego e insatisfação, vieram despertar, em muitas pessoas, o interesse de partir para outra realidade, que poderia estar disponível em países como o Brasil, na América (PRIORI *et al.*, 2012, p. 36).

Na Itália, as condições de vida eram ainda mais complicadas, pois durante muito tempo a Itália foi sequer um país, a Itália só se unificou tardiamente, em 1861. Até então, era uma península dividida em várias cidades-Estados, frequentemente em guerra umas com as outras, e dominadas por príncipes locais orgulhosos ou por potências europeias. Diferentes partes da Itália estavam sob controle da França, da Espanha, da Igreja, ou de quem conseguisse conquistar a fortaleza ou palácio local. Os italianos se sentiam ora humilhados, ora conformados com toda essa dominação. A maioria não gostava de ser colonizada por outros europeus, mas sempre havia aqueles que diziam apaticamente: “França ou Espanha, contanto que eu possa comer” (BACH, 2011).

Ainda sobre o contexto histórico na Itália, de acordo com Roscoche (2011), durante o século XIX, o idealizador da Colônia Cecília, Giovanni Rossi:

[...] ficou tocado pelas condições de miséria e desinformação às quais os colonos italianos viviam. Imersos em credices e a falta de cultura faziam dos colonos alvos fáceis de manipulação e exploração. Ficou impressionado ainda com a falta dos mais simples cuidados de higiene à sanidade, tanto pessoais quanto do trato com os animais (ROSCOCHE, 2011, p. 27).

Segundo Felici (1998, p. 10) “a atividade de Rossi é completamente marginal no contexto político italiano da época”. À vista disso, Roscoche (2011, p. 27) complementa que “sua participação na publicação de *Un Comune Socialista*, este foi preso e desde então foi perseguido por autoridades italianas”.

De fato, por mais que ele seja exposto, como todos os membros da Internacional no último quarto do século XIX, às repressões que assolavam então a Itália, Giovanni Rossi fica à margem do grande debate político que divide socialistas e anarquistas e propõe uma terceira via, científica esta, para resolver o problema social, a do “socialismo experimental”. A posição de Rossi não atrai simpatizantes nos meios políticos italianos. Nem socialistas, nem anarquistas o apoiam verdadeiramente, tanto durante os anos que ele passou na Itália, como durante a experiência da Cecília (FELICI, 1998, p. 10).

Sobre o incentivo à imigração no Brasil, e principalmente no Estado do Paraná, Priori *et al.* (2012, p. 35),

esclarece alguns pontos relevantes, e de acordo com os autores, “como no resto do país, o incentivo à imigração foi necessário, visto que era imperativo ocupar espaços vazios existentes no território do Estado, resolvendo, também, as questões relacionadas à falta de mão de obra crescente”. Além disso, segundo os mesmos autores:

A política do incentivo era impulsionada por propagandas que enfatizavam o Brasil como um paraíso propício à formação de fortunas, uma terra de oportunidades e de sossego, um verdadeiro paraíso no novo mundo, distante do caos que havia se tornado a Europa (PRIORI *et al.*, 2012, p. 35-36).

Em relação a imigração europeia no Brasil, Grandi (2021) descreve que:

A transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil se deu graças à imigração europeia subvencionada pelo Estado brasileiro e consistiu numa resposta às condições econômicas que permitiram um maior desenvolvimento da economia cafeeira e de alguns setores industriais da região sudeste do país (GRANDI, 2021, p. 33-34).

Os italianos, conforme Piori *et al.* (2012, p. 40), “contribuíram muito para o trabalho em lavouras de café e, mais tarde, em outras culturas”. Sendo que a maior concentração de imigrantes Italianos do Estado do Paraná está justamente em Curitiba, na Lapa, no litoral, em Palmeira e, também, em Morretes. Na região Norte do Paraná, praticamente em todas as cidades, há presença dos italianos, porém, primeiramente, instalaram-se no Estado de São Paulo e, depois, se transferiram para o Paraná, acompanhando as frentes de ocupação e a cultura do café (PRIORI *et al.*, 2012).

Grandi (2021, p. 33) descreve que “a política imigratória do início do regime republicano no Brasil atraiu mais de 2,6 milhões de estrangeiros ao país entre 1890 e 1919”. Ademais, o autor faz uma ressalva sobre a chegada dos anarquistas italianos:

Dentre eles, no entanto, havia seis italianos que buscavam um objetivo diferente da maioria dos seus compatriotas. Além de deixar para trás as intempéries impostas pela miséria que assolava o meio rural italiano, o grupo formado por Giovanni Rossi, pelo casal Catharina Benedetti e Achille Dondelli, por Lorenzo Arrighini, Giacomo Zanetti e Evangelista Benedetti, irmão de Catharina, emigrou para o Brasil com a intenção de instalar uma comunidade rural de caráter anarquista, ou anarcossocialista, denominada Colônia Cecília. Estabelecido próximo à cidade de Palmeira, no sudeste paranaense, tal experimento teve vida efêmera de 1890 a 1894 (GRANDI, 2021, p. 39).

Os pioneiros tinham por inspiração os escritos de Rossi que, desde a década de 1870, planejava a criação de uma comunidade anarco-socialista em alguma nação do continente sul-americano. A pesquisadora Felici (1998, p. 9) descreve que “a Cecília nasceu, aliás, no momento em que a vaga de emigração italiana em direção ao Brasil era mais forte”. Além disso, segundo Piori *et al.* (2012, p. 42), sabe-se que “entre os vários grupos de imigração que se estabeleceram no Paraná nos séculos XIX e XX, a Colônia Cecília destacou-se por ser considerada a primeira experiência anarquista no Brasil”.

O Brasil não foi a única opção de Rossi, uma vez que, de acordo com Felici (1998), outros países foram cogitados, como Estados Unidos e México. Porém, sua primeira escolha seria o Uruguai, através

de um convite feito por Archille Dondelli, para que Rossi implantasse sua experiência na América do Sul (FELICI, 1998).

Entretanto, o contexto de conflitos entre *Blancos e Colorados*¹⁴ fez com que Rossi desistisse da ideia, conforme o relato de Alessandro Cerchiai. Essa afirmação, que aparece em uma carta de Cerchiai, publicada em 1936 por uma revista de São Paulo, *Quaderni della Libertà*, não é confirmada por nenhuma outra fonte, já que o próprio Rossi não deixou nenhuma explicação sobre a escolha de realizar sua experiência no Brasil (FELICI, 1998).

Antes da viagem para o Brasil, uma ansiedade tomava conta de Giovanni Rossi e de seus companheiros, pois apesar de estar tudo certo, o governo italiano demorou para dar o parecer final nos passaportes. Depois de longa espera, com um capital de 2.500 libras, embarcaram no Porto de Gênova, no navio *Città di Roma* em 20 de fevereiro de 1890 (BACH, 2011).

A Ilha das Flores foi a primeira parada, hospedaria que abrigava os imigrantes recém-chegados ao Rio de Janeiro. Após pouco mais de um mês, o grupo seguiu viagem para o sul do país, com destino à Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, porém, por motivo de mal-estar de dois integrantes do grupo ao longo da viagem, os imigrantes desceram no porto de Paranaguá, no Estado do Paraná (BACH, 2011). Assim sendo, no dia 28 de março de 1890, Rossi e seus companheiros chegaram ao Paraná pelo Porto de Paranaguá, e no dia 2 de abril, o grupo chegou à cidade de Palmeira (ROSCOCHE, 2011).

A viagem continua então por terra, idêntica em todos os aspectos à dos outros imigrantes. Os pioneiros da Cecília fazem novas paradas no alojamento dos imigrantes em Paranaguá e depois em Curitiba, onde chegam de trem com outros imigrantes italianos, quase todos acolhidos por parentes e amigos. O escritório da Inspetoria de Terra e Colonização encaminha-os em direção ao distrito de São Mateus, banhado pelo rio Iguaçu (FELICI, 1998, p. 14).

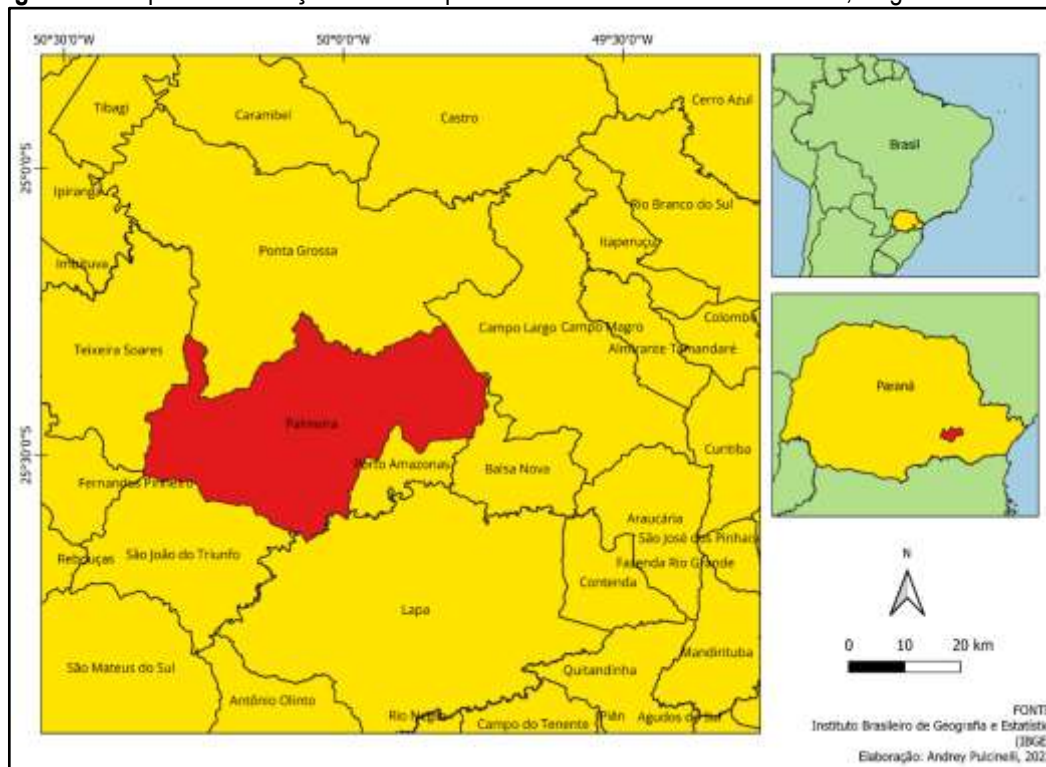
Após percorrerem cem quilômetros em dois dias em uma diligência, chegaram, então, à pequena cidade de Palmeira (Figura 01) que agradou muito a Rossi e, que descreveu todas as vantagens que ela apresentava, da igreja à agência de correio e telégrafo, o clube literário, a sociedade de teatro, e, alguns intelectuais que ali residiam. Rossi descreve que, “entre as pessoas notáveis, aparece o Dr. Franco Grillo, o médico de Palmeira, que se torna o amigo da Cecília e seu apoio no local” (FELICI, 1998, p. 14-15).

Desse modo, o médico palmeirense se tornou apoiador da Colônia Cecília, cujo nome de batismo foi inspirado na personagem principal de um romance escrito por Giovanni Rossi, *Un Comune Socialista*¹⁵, publicado pela primeira vez em 1875, como forma de homenagear a personagem carismática que defendia os ideais anarquistas (BACH, 2011).

¹⁴ Durante toda a primeira metade do século XIX, a história do Uruguai foi marcada pela instabilidade e alternância no governo de membros dos partidos blanco e colorado. Essa instabilidade gerou no país uma guerra civil entre os membros dos dois partidos que perdurou entre a década de 1830 até os fins da década de 1850 (SALES, 2006, p. 5).

¹⁵ Giovanni Rossi desenvolveu seu projeto de comunidade em um romance utópico, *Un Comune Socialista*, no qual a personagem feminina se chama Cecília - que teve cinco edições entre 1875 e 1891 (FELICI, 1998).

Figura 01: Mapa de localização do município de Palmeira no Estado do Paraná, Região Sul do Brasil



Fonte: Autor (2023).

Surgiram boatos de que o monarca Dom Pedro II teria simpatizado pelas ideias de Rossi, e doado terras para que o experimento fosse realizado em terras brasileiras. Porém, os historiadores não confirmam tal episódio como verdade, como exemplifica Priori *et al.* (2012, p. 43) ao afirmar que “essas terras não foram doadas a Rossi. Os colonos deveriam pagá-las após o prazo de cinco anos”. Bach (2011, p. 59) complementa que “as terras da Colônia Cecília foram adquiridas ao preço de L 15 (15 libras), por hectare, pagável em prestações. A área correspondia a 200 hectares”.

A escolha do município de Palmeira, no Estado do Paraná, para a implantação da colônia não foi planejada, mas por forças do destino, essas terras se tornaram palco de uma experiência social única no Brasil e de grande valor para as ciências humanas.

A Geografia Histórica da Colônia Cecília (1890-1894): a reconstituição das paisagens do passado

Em relação a paisagem da região do município de Palmeira, Rossi faz uma descrição bastante satisfatória, descrevendo o relevo, vegetação e clima da área. Nas palavras de Rossi: “numa latitude em que o clima é ameno e saudável, as terras que ocuparam, totalmente incultas e desertas, eram campos circundados por matas, sobre onduladas colinas, bastante elevadas acima do nível do mar” (ROSSI, 2000, p. 64). De acordo com Bach (2011), Rossi discorre ainda que:

As terras em volta de Palmeira são constituídas por colinas docemente onduladas, em parte apenas cobertas de capim, e esta parte chama-se de campo, em parte cobertas de matas. As

matas mais próximas da cidade são jovens e recebem o nome de capoeira; as mais distantes, como Santa Bárbara, onde irá se estabelecer a nossa colônia social, são virgens, ou de uma virgindade relativa (BACH, 2011, p. 71).

Giovanni Rossi descreve com detalhes em seu diário, sobre a chegada nas terras onde fundaram a Colônia Cecília: “Nestas terras, perto de alguns pés de laranja, na frente de quatro altas palmeiras, tivemos a sorte de encontrar uma casinha de madeira abandonada que, de imediato, ocupamos” (ROSSI, 2000, p. 64). Segundo Bach (2011, p. 99) “era uma tapera. Ali, há muito tempo morara um certo Mendonça, que ninguém sabia de onde viera e para onde fora”.

Rossi e Benedetti se instalam finalmente em uma velha cabana no bosque próximo a Santa Bárbara, a dezoito quilômetros ao sul de Palmeira. Passada uma semana, juntam-se a eles os companheiros que haviam ficado em Curitiba. É então que começa, nos primeiros dias de abril de 1890, a história da Cecília (FELICI, 1908, p. 15).

Ao analisar o solo, a fauna e a flora local, Rossi considera que a caça é bastante farta na região, conforme descreve Roscoche (2011):

Rossi utilizando-se de seus conhecimentos como agrônomo relata que o solo que ali era considerado pouco fértil, na Itália seria uma benção. Rossi se mostra em dúvida em razão da pouca fertilidade do solo atribuindo como causa a superabundância do azoto ou por outras razões. Acrescenta a sua análise o argumento de que é considerado muito fértil (ROSCOCHE, 2011, p. 29).

Após seis meses de permanência, já haviam ampliado e arrumado algumas cercas para se protegerem do gado solto, uma pequena horta e algumas vinhas, e entre as vinhas plantaram feijão e batatas, e arrumaram madeira para a construção de outra casa. Construíram a cozinha, lavraram a terra para plantar mandioca, e um pequeno jardim em frente à casa (ROSSI, 2000).

Já na Cecília, a principal refeição era polenta de milho branco moído na vizinha colônia de Santa Quitéria, formada por alemães do Volga, cujo acesso entre as duas colônias era feito por antiga estrada que passava pelo Passo de Mandaçaia (BACH, 2011, p. 59).

Rossi descreve como era a vida na Colônia Cecília, que segundo ele, não dispunham de nenhuma organização social, nem de regras ou de chefes. E que, na maioria das vezes, resolviam fazer as coisas em comum acordo, como bons amigos. Rossi ainda acrescenta que “não faltaram, obviamente, as controvérsias, mas nunca se chegou a coisas mais sérias”. A caixa social, onde guardavam suas economias, “estava confiada por pura formalidade, a única mulher do grupo” (ROSSI, 2000, p. 65).

Neste período se encontravam na Colônia Cecília apenas os membros fundadores, Giovanni Rossi, o casal Cattina Benedetti e Achille Dondelli, Evangelista Benedetti, Lorenzo Arrighini e Giacomo Zanetti. Sendo a única mulher do grupo, Cattina Benedetti, era responsável por preparar a alimentação e pela caixa social (BACH, 2011).

Já no primeiro ano de fundação da Colônia anarquista-socialista, nasceu o primeiro ceciliano, no dia 25 de setembro de 1890. Conforme Bach (2011, p. 251) dissera que “no livro número 3, folha 17 -

verso, no Cartório de Palmeira, sob o número 419, Giuseppe, filho de Achille Dondelli e Cattina Benedetti, foi registrado”.

Localizada no centro do triângulo com vértices nas localidades de Mandaçaia, Santa Quitéria e Santa Bárbara, a área da Colônia Cecília fazia divisa com as terras de Jeremias Schühli, vizinho que tinha boa relação com os anarquistas. Segundo Bach (2011):

Jeremias Schuhli, que desde 1881, morava com sua família, em suas terras, no lugar denominado Freitas, aos fundos do terreno da Colônia Cecília, passou a conviver com os anarquistas. Dessa convivência nasceu uma afetividade que foi se tornando cada vez mais forte através dos inúmeros casamentos entre os descendentes de Jeremias e dos cecilianos (BACH, 2011, p. 101).

Já com os poloneses da Colônia Santa Bárbara, a relação não era tão amistosa. Pelo fato de os anarquistas serem ateus, e os poloneses católicos fervorosos, fez com que não prevalecesse a prática da boa vizinhança. Entre várias discordâncias, um fator que desagradou muito os anarquistas em relação aos poloneses, foi a proibição dos cecilianos de enterrarem seus mortos no cemitério de Santa Bárbara, assim, formou-se o “cemitério dos renegados”, local onde os primeiros anarquistas enterraram seus mortos, o local era no campo aberto, em terras que faziam divisa com a Colônia Cecília (BACH, 2011).

Para atrair novos integrantes para a colônia, o grupo elege Rossi para voltar à Itália, e no final de outubro de 1890 embarca com destino à Itália. Rossi leva na bagagem o incentivo do governo brasileiro para fazer parte da Colônia Cecília (BACH, 2011). Meses depois, em janeiro de 1891, chegaram à colônia algumas famílias de camponeses. No entanto, tiveram desentendimentos com os primeiros colonos, que tentaram impor algumas ideias aos recém-chegados. “Apesar disso, as atividades agrícolas continuaram, e deu-se início a construção de um barracão comprido para o alojamento” (ROSSI, 2000, p. 66).

A “casa do amor” era o centro da Colônia Cecília, idealizada pelos primeiros colonos, era um grande barracão que aos poucos foi sendo construído e mantinha os anarquistas sempre reunidos. O barracão ou a casa do amor, era um espaço comunitário de reuniões, onde tudo era decidido em assembleias. Os casais eram colocados em casas separadas.

A casa do amor foi a forma mais simples e prática de acomodar os colonos que chegavam, já que ainda não havia casas para todas as famílias. Esse barracão media cento e cinquenta metros e passou a ser o centro da colônia (BACH, 2011, p. 247).

A propaganda realizada por Rossi na Itália obteve relativo sucesso, pois, segundo Felici (1998, p. 19), “as chegadas sucessivas, em pouco tempo, levam a população da Cecília a mais de 150 membros”.

A colônia atinge, em todo caso, em maio de 1891, a cifra mais elevada de sua história. Pode-se, aliás, calcular que, se todos os colonos anunciados houvessem chegado ao seu destino, a colônia deveria ter chegado a 250 membros em junho (FELICI, 1998, p. 19).

Uma questão importante a ser destacada é que a colônia passou por vários momentos de miséria em seu período de existência, o que levou muitos de seus membros a trabalharem na construção de estradas para o Estado. Rossi em determinado momento teria que se deslocar até a cidade de Castro para lecionar e trabalhar em uma farmácia (ROSCOCHE, 2011).

A entrada e saída de integrantes da Colônia revela a instabilidade que esta sofreu durante os anos, alguns a abandonavam com medo de dividir ou perder a mulher, outros com o anseio de adquirir sua propriedade, outros não se adaptaram aos trabalhos rurais por possuírem profissões liberais ou ligadas a setores como a indústria e muitos outros motivos. Alguns integrantes chegaram até mesmo a roubar bens e capital da Colônia quando de sua saída (ROSCOCHE, 2011, p. 32).

Segundo Felici (1998, p. 25), “um episódio desagradável vem comprometer a boa reputação que tinha tido até então a Cecília. Antigos colonos, entre os que haviam deixado a colônia após a crise de junho de 1891, são presos por roubo”. À vista disso, Roscoche (2011) descreve que os integrantes da colônia se sentiram envergonhados e desonrados ao saber de tal episódio.

No final do ano de 1892, um segundo grupo de anarquistas que vieram de Torricella de Sissa contribuiu muito para os avanços da Colônia. Porém, em dezembro do mesmo ano, a população da Cecília era de 64 pessoas, já que muitas famílias haviam partido (BACH, 2011).” Entre os que ficaram estavam os irmãos Aniceto e Virgínio Artusi que, em pouco tempo, aprenderam a arte de fazer barricas com Schwartz” (BACH, 2001, p. 235). Essas barricas eram utilizadas para transportar a erva mate.

Miguel Schwartz, alemão do Volga e morador da Colônia Santa Quitéria, vizinha da Colônia Cecília, sempre ajudou os cecilianos. Fez o transporte do primeiro grupo anarquista que chegou em Palmeira, e sempre transportava as compras para os anarquistas até a Colônia Cecília (BACH, 2011).

Miguel Schwartz, a pedido dos anarquistas, com a indústria dos barris começando a funcionar, levava em seu carroção as embalagens fabricadas na Cecília e, além dos gêneros de primeira necessidade, trazia também ferramentas, mudas de árvores frutíferas, sementes, cal para a correção das terras e tudo o que se precisava na Colônia Cecília (BACH, 2011, p. 235).

A Colônia Cecília, conforme Bach (2011, p. 1006), “era formada por um conjunto heterogêneo: nobres e plebeus, médicos e engenheiros, escritores e artesãos, artífices e operários e, em sua maioria, colonos”. Entre tantas pessoas que passavam pela colônia, havia ainda os aventureiros, que aproveitavam para tirar alguma vantagem. Quem chegava e quem saía, ninguém recebia qualquer título ou pagamento. Foram dezenas de pessoas que passaram pela comuna (BACH, 2011).

Além do trabalho coletivo na Cecília, o método pedagógico aplicado ao ensino das crianças era algo extremamente novo e inspirador. Quanto à pedagogia ácrata na Colônia Cecília, Bach (2011, p. 276) descreve que “Giovanni Rossi em suas aulas, deixava bem claro que a sabedoria estava dentro de nós mesmos”. Instalados a colônia, os anarquistas deixaram um método de ensino inédito nas terras da América, visto que não só as crianças aprendiam, conforme Bach (2011, p. 276), “os adultos que iam

voltando dos afazeres aproximavam-se para ouvir os ensinamentos”. A linguagem simples utilizada por Rossi cativava a todos.

O ensino era ministrado no bosque à sombra dos pinheirais, ao ar livre, junto à natureza, entre o canto dos pássaros e as acrobacias delicadas das borboletas. Os livros não eram usados, não por inúteis, mas porque não traziam a verdadeira sabedoria. Guardavam as suas páginas somente noções de conhecimentos gerais (BACH, 2011, p. 276).

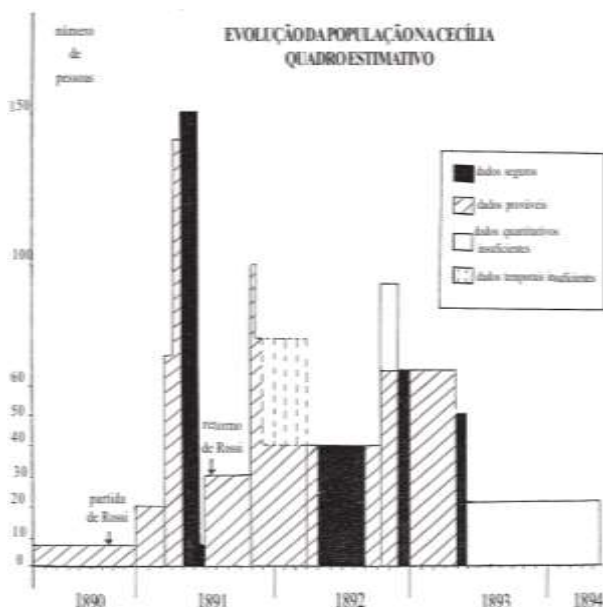
Segundo Bach (2011, p. 698), “a adaptação desse grupo social à realidade da Colônia Cecília constitui-se em algo incrível”. Na Cecília, trabalhavam para o bem de todos, alguns sapateiros que faziam parte da colônia, se organizaram, e com as necessidades que surgia, Piero Colli, Carlo Torti e Carlo Carzino improvisaram bancas de sapateiro e fabricavam as botinas para colonos cecilianos (BACH, 2011). O vinho também era uma fonte de renda na visão dos anarquistas, porém, devido ao curto espaço de tempo da existência da Cecília, não tiveram tempo para produzir vinho em escala comercial, como haviam planejado (BACH, 2011).

Sobre a quantidade de pessoas que passaram pela Colônia Cecília, de acordo com Roscoche (2011, p. 33) “em seu balanço, Rossi registra a passagem de trezentas pessoas que viveram na colônia, sendo que seu tempo de permanência bastante díspar”. Felici (1998), explica como Rossi chegou a esse número de pessoas:

Para chegar a trezentos, Rossi fez o total de todas as pessoas que passaram pela Cecília. Mas os colonos não são os mesmos durante toda a experiência; a colônia viveu um renovamento constante de seus membros, que não permanecem, na maior parte dos casos, mais do que um período muito curto (FELICI, 1998, p. 37).

A seguir, na Figura 02, demonstra-se a evolução populacional da Colônia Cecília no período compreendido entre 1890 e 1894 (FELICI, 1998):

Figura 02: Evolução da população na Colônia Cecília de 1890 a 1894 (quadro estimativo)



Fonte: Felici (1998).

De acordo com Roscoche (2011), Rossi descreve que as pessoas poderiam ser classificadas entre lavradores e operários, da classe média, profissionais liberais e funcionários. Em relação ao nível de instrução, era possível observar a existência de analfabetos até pessoas com curso superior. Ainda conforme Rossi, o autor acrescenta que “quanto à qualidade moral existiram os intolerantes, os céticos, os benevolentes, despreocupados, supersticiosos, mansos e violentos, otimistas e perniciosos, entre outros” (ROSCOCHE, 2011, p. 33).

Ademais, Giovanni Rossi se preocupava em estabelecer uma distinção entre o que seria o amor livre e o amor “libertino”. E de acordo com Rossi, Roscoche (2011) descreve que:

O primeiro seria baseado no respeito a todas as partes envolvidas e na sinceridade dos sentimentos, já o segundo seria mero impulso sexual. Sobre este último, Rossi ressaltava o caso da “jovenzinha precoce” que teria chegado à colônia com um grupo de italianos oriundos da região de Parma e que se pôs a namorar todos os homens da colônia, entre eles o próprio Rossi e até homens casados (ROSCOCHE, 2011, p. 32).

Além disso, é notório que o amor livre pregado pelos anarquistas representava a liberdade de se divorciar e a liberdade de amar, rompendo com as estruturas conservadoras da época, conferindo às mulheres mais voz, força e liberdade para escolher com quem se relacionavam, sendo assim, uma forma de combater o patriarcado. De acordo com Bach (2011, p. 630), “os anarquistas não temiam expor seu pensamento perante uma sociedade preconceituosa, principalmente em relação ao amor”. O preconceito sofrido por eles era recorrente, a exemplo do relato publicado no jornal anarquista “O Despertar”, em 15 de dezembro de 1904:

Na nossa sociedade burguesa e nas famílias, é mal aceito o anarquista e a sua companheira de forma nenhuma aceita. O anarquista exime-se do contrato legal, proclama a liberdade do amor, a união espontânea por afinidade de sentimentos, de gostos, de tendências, combate o mercado feito dos aportes sexuais, a especulação matrimonial. Por isso o anarquista representa uma pessoa imoral e é, portanto, lógico bater-lhe à porta na cara (BACH, 2011, p. 630).

Bach (2011, p. 625) reforça que “o amor livre pregado por Giovanni Rossi, não era promíscuo. Para ele, porém, o surgimento de um relacionamento libertino foi apontado como um dos motivos do desaparecimento da “experiência anarquista”. Em adição, Roscoche (2011, p. 43) destaca que a rivalidade e ressentimentos “entre os que trabalhavam mais e aqueles que trabalhavam menos” foram outra fonte de conflitos entre os moradores da colônia.

Em 1893, no mês de setembro, o crupe¹⁶ chega até a Colônia Cecília, porém, o otimismo em relação à safra do milho e a esperança de dias melhores faz com que os anarquistas não percebessem o perigo. Segundo Bach (2011, p. 270), “o saldo foi doloroso: sete crianças morreram. Não bastasse a

¹⁶ Crupe é uma doença inflamatória dos tratos respiratórios superior e inferior, causada mais comumente pelo vírus parainfluenza tipo 1. É caracterizado por tosse estridente e espasmódica e estridor inspiratório”. Afeta principalmente crianças entre 6 meses e 3 anos de idade (GRANDI, 2021, p. 44).

dor e o sofrimento dos anarquistas, alguns poloneses, no momento do sepultamento dos mortos, incitaram os padres a não permitirem o sepultamento no cemitério de Santa Bárbara”.

A epidemia, somada ao episódio do furto da safra do milho e da caixa comum da Colônia, que em geral era o conjunto resultante da venda dos produtos agrícolas produzidos na Cecília, resultou na desilusão ao sonho anarquista de Rossi e de algumas famílias da Colônia Cecília. Dava-se então, o início do fim da experiência de uma comunidade agrícola anarquista no Estado do Paraná, no sul do Brasil (GRANDI, 2021).

Outro fator que teria exercido influência, e impulsionado o fim da colônia, teria sido o apoio dado pelos anarquistas aos Revolucionários Maragatos na Revolução Federalista. Giovanni Rossi teria atuado como enfermeiro durante o conflito armado no Paraná (ROSCOCHE, 2011). Sobre tal episódio, os anarquistas por muito tempo se mantiveram neutros em relação aos conflitos, mas por uma questão de amizade, acabaram se envolvendo. “Os anarquistas não eram vistos com bons olhos pelos legalistas e isso agravou a situação dos cecilianos”, discorre Bach (2011, p. 517).

Emílio Sigwalt, chefe dos revolucionários em Curitiba, tomou conhecimento de que seria preso e resolveu fugir. Chegando em Palmeira, buscou abrigo na Colônia Cecília, pois tinha certa amizade com Ezígio Cini e outros anarquistas, no entanto, não relatou qual a verdadeira intenção de sua visita, e conversaram bastante, especialmente sobre a Revolução Federalista¹⁷. Ao fim da tarde, Emílio agradeceu a hospitalidade e seguiu viagem, com medo de ser surpreendido pelos pica-paus¹⁸ (BACH, 2011).

As tropas legalistas em Palmeira haviam recebido informações de que Emílio fora visto próximo a Colônia Cecília. Os soldados seguiram então até a vila anárquica em busca dele, mas como não o encontraram, destruíram a cozinha da “casa do amor” e tudo que puderam, além de levar os animais e os mantimentos. Ezígio Cini foi levado e ficou preso por 40 dias, pois sabiam de sua amizade com Emílio, outros colonos que tentaram reagir foram massacrados. Alguns anarquistas revoltados com a triste situação que foram deixados, se alistaram para lutar contra os legalistas (BACH, 2011).

O autor descreve como a Colônia Cecília foi se desorganizando em meio aos conflitos da Revolução Federalista, e que naquele momento, Giovanni Rossi já havia deixado a Colônia:

Os anarquistas concentraram-se na Serrinha, próximo à Colônia Cecília, por onde passava todo o movimento. Com o engajamento dos colonos ao Batalhão Ítalo-Brasileiro, a Cecília desorganizou-se. Os poucos que ficaram não podiam dar conta dos trabalhos, consertar o que fora destruído, sem alimentos e sem os animais que foram levados. Além disso, o clima estava tenso demais, para que quem ficou tivesse ânimo para continuar insistindo em prosseguir na

¹⁷ O regime federalista foi instalado no Brasil com a Proclamação da República em 1889 e é justamente nesse contexto que aconteceu a Revolução Federalista. Esse movimento teve início no Rio Grande do Sul, em 1893, e envolveu forças políticas prós e contras ao governo do Presidente Floriano Peixoto (PRIORI *et al.*, 2012, p. 23).

¹⁸ O grupo dos republicanos ficou conhecido como os ‘pica-paus’, em virtude do uniforme de seus soldados, que fazia alusão ao bico do pássaro, e os federalistas, desencadeadores da Revolta, ficaram conhecidos como ‘maragatos’, pois, Silveira Martins e Gumercindo Saraiva - outro membro do Partido Federalista - provinham de uma região do Uruguai colonizada por espanhóis advindos da região da Maragateria, na Espanha (PRIORI *et al.*, 2012, p. 26).

Cecília. Na Serrinha ouviram-se os tiros que deixavam a todos em alerta (BACH, 2011, p. 521-522).

Com o fim da colônia, é registrada a presença de Rossi em Curitiba no ano de 1885. Ele instalou uma destilaria na capital, porém, devido à crise, foi à falência como muitos outros pequenos empresários da época. Conseqüentemente, Rossi encontrou dificuldade em conseguir emprego por seu posicionamento reconhecidamente anarquista, como demonstrou em inúmeras palestras na cidade (ROSCOCHE, 2011).

Muitas das famílias que fizeram parte da Colônia Cecília já moravam em cidades, algumas não se adaptaram às dificuldades que encontraram na colônia e outras com o fim da experiência anarquista, fixaram-se nas cidades próximas. Entre as cidades pode-se destacar a própria Palmeira, Ponta Grossa e Curitiba. Bach (2011) descreve como os imigrantes contribuíram para o desenvolvimento industrial no Paraná, pois de acordo com o autor:

Curitiba foi o endereço preferido dos cecilianos, por ser a capital do Estado, a qual oferecia melhores condições de vida. Com a chegada de um grande contingente imigratório europeu que se fixou, em parte, nas cidades, a indústria no Paraná foram surgindo de forma caseira (BACH, 2011, p. 992).

Segundo Bach (2011), com o fim da Colônia Cecília, Rossi é convidado a ser professor de Agronomia e Medicina Veterinária na Escola Superior de Agricultura, em Taquari, Rio Grande do Sul, onde ficou de 1894 a 1896. No ano de 1897, mudou-se para Rio dos Cedros em Santa Catarina, onde passou a dirigir a Escola Agrônômica, e em 1904 é transferido para Florianópolis.

Em 1906, uma de suas filhas, a Giannina, acaba falecendo, o que provavelmente contribuiu para que Rossi retornasse para a Itália. No dia 10 de março de 1907, Rossi e Adele com as filhas Ebe e Pierina a bordo do navio da *Compagnia Ligure-Brasiliana*, viajam à Itália, onde chegaram em 4 de abril de 1907. Rossi faleceu em 9 de janeiro de 1943, aos 87 anos e foi enterrado em Pisa (BACH, 2011).

Ainda segundo Bach (2011), com o fim da colônia, as terras foram redistribuídas pelo governo, e o lote de cinco alqueires onde havia as instalações da colônia foi pago ao governo pelos Artusi, família que permaneceu no local. Considerado ser o único experimento anárquico no Brasil e a mais conhecida experiência Libertária em todo o mundo, a Constituição do Paraná estabeleceu a construção de um monumento em Palmeira, quando a Colônia Cecília comemorasse 100 anos de história, o que não ocorreu. A constituição do Estado do Paraná editada em 05 de outubro de 1989 - Ato da Disposições Constitucionais Transitórias, Artigo 32, determina que:

O Estado, em colaboração com o município de Palmeira e sob a coordenação da secretaria de Estado e Cultura, reconstituíra, dentro de dois anos da promulgação desta Constituição, parte da Colônia Cecília, fundada nesse município, no século XIX, para a preservação de seus caracteres histórico-culturais (BACH, 2011, p. 1009).

Através da Lei 2.737 de 1º de julho de 2008. Artigo 1º- Fica instituído no âmbito do município

de Palmeira, o dia 1º de abril de cada ano como comemorativo à data de fundação da Colônia Cecília (BACH, 2011, p. 1010).

A Praça Memorial da Colônia Cecília foi construída somente em 2016, após 26 anos do centenário da Colônia. Entre fatores internos e externos que persistiram em destruí-la, a Colônia Cecília se mostrou resistente no decorrer de sua curta existência, porém, é notável que o trabalho árduo e a dedicação se tornaram os pilares de sua estrutura, o que de fato a manteve funcional. Entretanto, o ideal anárquico que muitas vezes não foi compartilhado por todos seus integrantes, pode ter contribuído para o seu desfecho, mas o que se revela como fator principal para o seu fim foi a violência e opressão sofrida pela Revolução Federalista.

Para analisar e verificar na atualidade a paisagem existente onde se localizava a Colônia Cecília, realizou-se uma pesquisa de campo no dia 27 de outubro de 2023 no município de Palmeira, Paraná, mais especificamente na área rural do município, nas proximidades da Colônia Santa Bárbara, local em que a Colônia Cecília existiu. Recebeu-se a orientação do professor, radialista, escritor e membro da Academia Paranaense de Letras, Arnoldo Monteiro Bach, proprietário do Espaço Cultural Sítio Minguinho, onde possui inúmeros espaços que formam um museu ao ar livre, dentre eles, um memorial sobre a Colônia Cecília, que conta com um acervo de objetos, documentos, fotografias e uma maquete de como foi a Colônia anarquista.

Devido à grande quantidade de chuvas que a região recebeu nos dias que antecederam esse levantamento de informações em campo, somada a falta de manutenção da estrada rural que dá acesso ao local, não foi possível chegar até o Espaço Cultural Sítio Minguinho naquele dia. Apesar disso, realizou-se a visita ao memorial construído pela prefeitura do município de Palmeira, que também possui acesso pela estrada rural, porém, encontra-se em melhores condições. A Praça Memorial da Colônia Cecília, inaugurada em 31 de março de 2016, localiza-se na Colônia Santa Bárbara, próximo ao local em que a Colônia Cecília existia. Passou-se também na localidade em que a Colônia Cecília existia, hoje esse local é uma propriedade particular que pertence ao descendente de uma das famílias que fizeram parte da Colônia Anarquista. Vale ressaltar que não é permitida a entrada de visitantes, pesquisadores e repórteres na propriedade segundo Bach (2023).

No centro do Memorial da Colônia Cecília está o busto de Giovanni Rossi, idealizador da Colônia Anarquista, nota-se a falta de cuidados e manutenção com a escultura, em volta estão os totens que contam passagens importantes da história da colônia. Há também uma casa de madeira, representando como eram as casinhas dos moradores da colônia. Um fato muito interessante, é que o memorial visualizado de cima, forma-se o símbolo do anarquismo.

Dentre as atividades do trabalho de campo, ocorreu uma entrevista informal com Arnoldo

Monteiro Bach, a fim de levantar informações para uma melhor compreensão da paisagem da Colônia Cecília. Na entrevista, alguns temas foram abordados, dentre eles, o modo de vida dos colonos, que segundo Bach (2023) *“era muito parecido com os outros colonos da região, tendo as atividades agrícolas de subsistência, a criação de alguns animais como galinhas, porcos e gado, uma vida simples de muito trabalho no campo, e a fabricação de barricas que eram vendidas em Palmeira e produziam seu próprio vinho”*.

Em relação a paisagem da Colônia Cecília, Bach (2023) descreve que *“nas terras onde aconteceu a experiência anarquista, restam somente as marcas: o poço-cisterna, que foi desativado, a rua principal, onde haviam as 22 casas dispostas simetricamente ao longo de uma rua e ao redor de uma praça, onde era a Casa do Amor, conforme depoimentos de pessoas que foram contemporâneas de alguns pioneiros e que frequentavam o lugar”*. Bach (2023) continua e explica que a “Casa do Amor” foi motivo de injustas interpretações e alvo de calúnias, de acordo com ele a colônia *“foi idealizada por seu criador, de acordo com uma visão comunitária, evitando, portanto, os moldes tradicionais onde cada família tem sua casa. Logo, a convivência permanente dos membros da Cecília deveria ocorrer em um local onde todos estivessem juntos e compartilhando alegrias e tristezas, como uma única família”*.

Bach (2023) faz uma fala importante sobre o que realmente representava o Amor Livre, dizendo que: *“para os anarquistas o Amor Livre não era o fato de a mulher viver com vários homens ao mesmo tempo. Como Amor Livre eles entendiam a liberdade de romper uma relação quando quisessem, combatendo a especulação matrimonial, dando, assim, voz às mulheres”*.

Enfim, compreende-se que o trabalho de campo foi essencial para a pesquisa, visto que possibilitou a realização de uma análise e comparação entre a paisagem do passado da Colônia e da paisagem do presente. Além disso, a entrevista informal com o historiador Arnaldo Bach, pessoa responsável por resgatar e conservar a memória da Colônia Cecília, contribuiu para o entendimento de aspectos fundamentais sobre a história da colônia anarquista.

Considerações finais

Motivado pelo sonho de prover uma sociedade anarco-socialista, Rossi não se atentou em saber se todas as pessoas que embarcaram na experiência compartilhavam os mesmos objetivos ideológicos que ele. Nota-se que muitos eram anarquistas convictos, mas é certo afirmar que nem todos os integrantes da Colônia Cecília eram realmente anarquistas.

Muitos foram os fatores que levaram a Colônia Cecília ao final de sua existência, dentre eles, destacam-se a miséria, o trabalho pesado no campo, o preconceito, os desentendimentos entre os colonos e a Revolução Federalista. Entretanto, analisando toda a trajetória da colônia anarquista, é nítido

que a coragem e a perseverança do sonho utópico, podendo ser assim chamado de anarquismo experimental agrário, é de extrema relevância para a história de Palmeira, do Paraná, do Brasil, da Itália e do mundo.

Mesmo que as condições ofertadas pelo Brasil foram iguais para todos os imigrantes, e muitas das dificuldades encontradas por eles foram enfrentadas por quase todo colono europeu do período, o ideal que estes anarquistas italianos traziam já os faziam ser odiados e temidos. Logo, considera-se um ato de extrema inovação e coragem que um grupo de imigrantes italianos anarquistas atravessou o Oceano Atlântico para chegar em um país que acabara de passar por um golpe de estado e estava em transição de monarquia para república.

Ademais, pela resistência diante da sociedade ocidental da época composta pelo Estado, Igreja e Família, e por outros diversos fatores, esse grupo de imigrantes italianos deve ser lembrado, reconhecido e homenageado, para que sua história seja valorizada e eternizada no ideal anárquico, no qual buscava uma sociedade mais justa, fraterna e solidária.

Referências

- ALVES, Vitor de Araujo. A Geografia Histórica como campo de pesquisas: definições, tensões e metodologias. Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Cidades*, v. 8, n. 14, 2011.
- ANDRADE, M. C.; FERNANDES, F. *Élisée Reclus*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática S.A., 1985.
- BACH, Arnoldo Monteiro. *Colônia Cecília*. Ponta Grossa: [s.n.], 2011.
- BACH, Arnoldo Monteiro. Entrevista concedida a Andrey Pulcinelli Colmiran de Lima. Palmeira, 27 out. 2023.
- BACH, Arnoldo Monteiro. *Arnoldo Monteiro Bach*, 2013. Disponível em: <http://www.arnoldomonteirobach.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2023.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. Trad. Carmen C., Varriale et al.; Coord. Trad. João Ferreira; Rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1.ed., 1998.
- BORGES JUNIOR, João. 'Turistando em Palmeira' convida para conhecer o Memorial Colônia Cecília em Santa Bárbara de Baixo. *Rádio Ipiranga*, 2022.
- CARNEIRO, P. A. S. Questões teóricas e tendências da Geografia Histórica. Universidade Federal Fluminense. *GEOgraphia*, v. 20, n. 42, 2018.
- CARNEIRO, P. A. S. Origens e evolução da Geografia Histórica. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas/MS*, n. 23, Ano 13, 2016.
- CARRERI, Marcio Luiz. *Agulha no palheiro: o anarquismo nos livros didáticos*. 2.ed. Londrina: EDUEL, 2008.
- DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 28 jul. 2023
- E BIOGRAFIA. Immanuel Kant Disponível em: https://www.ebiografia.com/immanuel_kant/. Acesso em: 28 jul. 2023.
- ERTHAL, Rui. Geografia Histórica - considerações. Universidade Federal Fluminense. *GEOgraphia*, ano V, n. 9, 2003
- FERRETTI, Federico. Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas Elisée Reclus e Pëtr Kropotkin e sua relação com a ciência moderna, séculos XIX e XX. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de

- Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/hcsm>. Acesso em 27 fev. 2024.
- FRONTEIRA LIVRE. História do anarquismo. 2014. Disponível em: <https://www.frenteiralivre.com.br/noticia/1012/historia-do-anarquismo>. Acesso em 27 fev. 2024.
- FELICI, I. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. (Tradução: Edilene T. Toledo; Revisão: Sergio S. Silva). *Cadernos AEL*, n. 8/9, 1998. Disponível em: <https://hal.science/hal-03062415/document>. Acesso em: 30 set. 2023.
- GOMES, P. C. da C. Lendo Kant. In: _____. *Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. p. 23-27.
- GRANDI, Guilherme. Imigração Italiana e Anarcossocialismo ao final do Século XIX: Notas sobre a Colônia Cecília. *Economia e História*, 2021. Disponível em: <https://downloads.fipe.org.br/publicacoes/bif/bif485-33-44.pdf>. Acesso em: 30 set. 2023.
- LIMA, A. M.; AMORA, Z. B. Debates Acerca da Geografia Histórica e da Geo-História: Elementos para a Análise Espaço-Temporal. *Espaço Aberto, PPGG - UFRJ*, v. 2, n. 2, p. 51-72, 2012.
- LOURENÇO, L. A. B. *Geografia Histórica considerações teórico-metodológicas*. A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861) [online]. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 27-40.
- PRIORI, A. *et al. História do Paraná: Séculos XIX e XX*. [online]. Maringá: Eduem, 2012.
- RECH, R. C. Élisée Reclus (1830-1905): educação geográfica pela natureza. *Geoiingá*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 79-99, 2015.
- ROSCOCHE, L. F. O anarquismo da Colônia Cecília: Uma jornada do sonho à desilusão. *Revista de Geografia (UFPE)*, v. 8, n. 1, 2011.
- ROSSI, Giovanni. *Colônia Cecília e outras utopias*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.
- SALES, Thiago Rabelo. *Um conflito anunciado: o cenário político sul-americano às vésperas da Guerra do Paraguai*. In: Usos do Passado, XII Encontro Regional de História, 2006, Rio de Janeiro.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da (organizadores). *História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil*. Curitiba: Editora Prismas, 2018.
- SILVA, M. W. A construção de uma geografia histórica brasileira. Base teórica e estudos de caso. *Terra Brasilis*, (Nova Série) [online], 12.ed. p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/4598>. Acesso em: 30 set. 2023.
- UNIVERSITY OF LEEDS. School of Geography. Disponível em: <https://environment.leeds.ac.uk/geography/staff/1011/professor-robin-butlin>. Acesso em: 28 jul. 2023.